

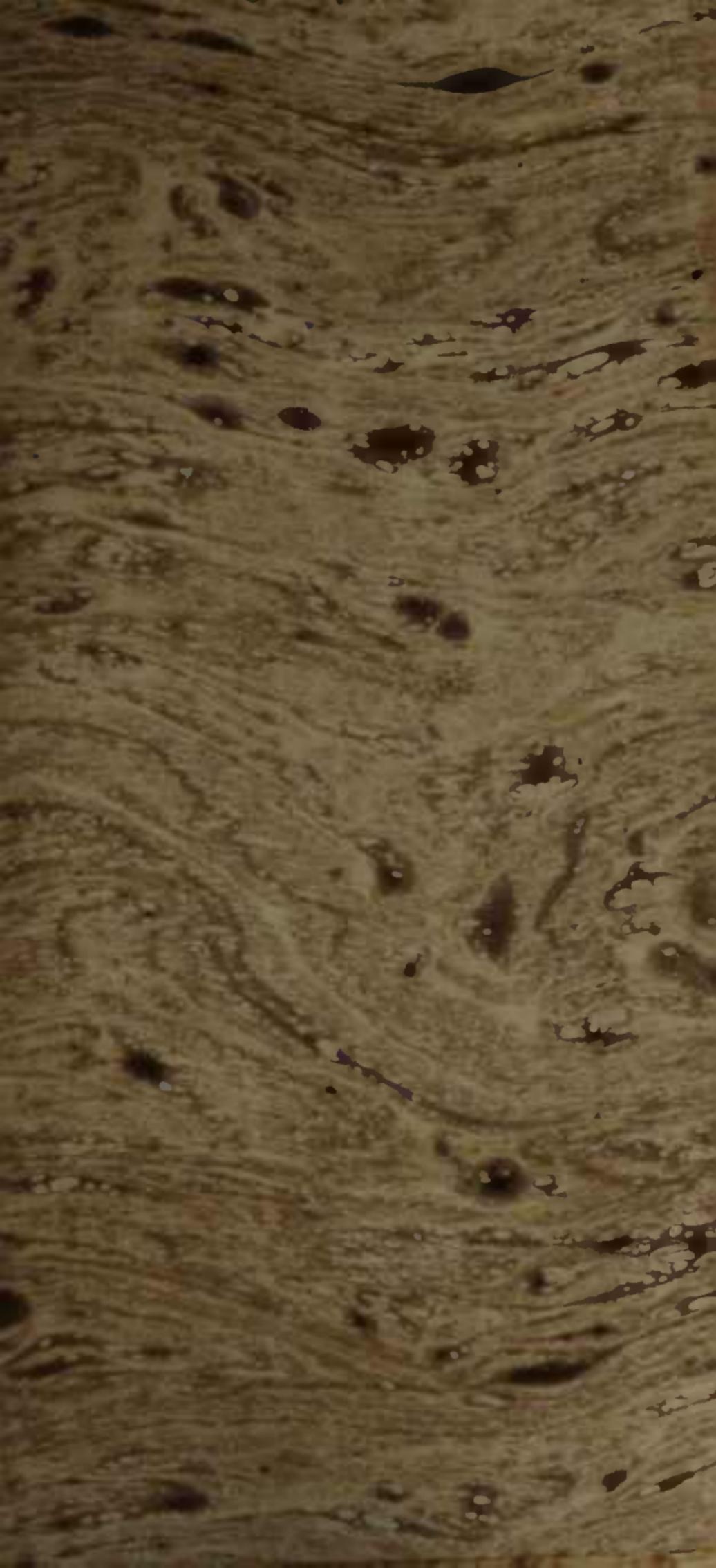


EX LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W.





ACADEMIA AMARAL

URZES

• 11111111  
1111



**URZES**



AMADEU AMARAL

---

# URZES

S. PAULO

1899



*Maria Sousa*

*Aos Meus*



## SONETOS



## I

Quem me conheça, muitas vezes ha de  
ver que ua Dor, como hoje. me enclausuro  
—monge vagando em corredor escuro,  
alheo aos echos da comunidade.

Mudo e grave e alquebrado, como um frade  
que sonha um sonho religioso e puro,  
olho, ás janellas ogivales do muro,  
o roxo pôr-de-sol da mocidade.

.....

Sinto que a noite vem, cheia de horrores,  
colher-me neste claustro, onde sómente  
resoam, pelo chão, minhas sandalias :

e que meus gritos de profundas dores  
hão de perder-se desoladamente  
na mudez cavernosa das muralhas.

## II

Por entre os claustros da Amargura, arrasto  
no pavimento minha vil sandalia,  
pondo um ruído no silencio vasto,  
que entre as paredes, fúnebre, se espalha.

Eu sei de um monge devotado e casto,  
que chama a Virgem, para que lhe valha,  
vendo-a surgir —attonito, de rasto—  
no fundo escuro da brutal muralha:

assim eu vejo, ás vezes, a figura  
clara e esvelta e formosa duma santa,  
rompendo a escuridão desta clausura.

Santa dum ceo ignoto, ceo de sonho  
ao qual toda minha alma se levanta,  
nos arrôbos dum extase tristonho...

### III

Vem repousar, ó pomba forasteira,  
desta alma escura no beiral tristonho !  
Vem, ó minha esperança derradeira,  
por que não fuja o derradeiro sonho !

Quero-te assim, tão doce, á minha beira,  
e esse desejo aos outros anteponho ;  
mas anteponho-o duma tal maneira,  
que só contigo desvario e sonho.

Quero-te assim, tão doce e tão singella,  
radiando a graça pura de uma santa,  
no teu donaire de gentil pucella.

Singella e doce como a pomba amiga,  
que seus arrulbos amorosos canta  
no beiral duma pobre casa antiga ..

## IV

Cac-me na alma um crepusculo tristonho  
a tristeza dum dia, que esmorece.  
Todo o bando dos passaros do sonho  
foge nos ares, e desaparece...

A fria noite pavorosa desce  
com o dos ventos ullular medonho.  
Brota-me na alma a compuncção da prece,  
e olhos maguados na cellagem ponho...

Ah! seja a pavorosa noite immensa,  
no meio ao menos de tristeza tanta,  
eheia, bem cheia do luar da Crença!

E que eu olvide seu falar canoro,  
seu vulto erguido, como o duma santa,  
num resplendor de lagrimas, que choro...

## V

Eu vejo-a, á luz do dia agonisante,  
num alvo resplendor de castidade :  
como que sonba na sonoridade  
do arpas vibradas pelo Azul, distante.

E, ao vel-a, todo o dia, nesse instante  
uma tristeza o coração me invade :  
louca tristeza chela de anciedade,  
que sofre todo o coração de amante.

Depois, seguindo vou machinalmente,  
enleado o coração, enleada a mente,  
quasi nos olhos explodindo o pranto.

Rosa clara gentil, que me escravizas,  
quanto veneno mau prodigalisas  
com o teu perfume, que me agrada tanto!

## VI

Suavemente, como um sonho cheio  
de dulcíssimo encanto, me chegaste;  
e as palavras de amor, que me falaste,  
eram ondulas de água em doce veio...

Logo, porém, tu te sumiste, em meio  
das alegrias, com que me emballaste.  
(Assim a lua, no azulino engaste,  
se occulta num montão de nuvens feio).

Em scismas a alma inteira se me lança,  
qual creança a pensar no ultimo goso  
dum sonho todo luz, todo bonança.

Tu passaste por mim, anjo formoso,  
á maneira dum sonho de creança,  
leve e casto, sereno e luminoso.

## VII

Um triste badaiar, como num campanario  
silente badaiando os sinos por finados,  
lha no olhar, em que dorme um torpor funerario,  
dessa que resa, olhos no ceu, joelhos dobrados.

Olhos, que eu adorei cheios de alacre e vario  
luzir,—hoje da côr do lyrio roxo oriados,  
tristes como os de Christo a subir o Calvario  
entre a chufa do povo e a lança dos soldados...

.....

Olhar que tanta vez em voluptuosa rede  
me prendeu, me arrastou, acariciante e fero,  
coriscando paixões, arquejando de sede,

e que me lembra agora um silencioso lago,  
por cujas águas paira um manso reverbero  
de roxo pôr-de-sol martirizado e vago...

## VIII

Sonhos, sonhos de amor, de ventura e de gloria,  
juvenis ambições, que no meu gesto lias,  
já invadiram meu ser, numa louca victoria,  
como passam, bramindo, as loucas ventanlas.

Quando tudo passou (de minha alma eis a historia,  
lgoal a tanta, que has de ouvir todos os dias),  
sentl dentro de mim uma paz merencoria,  
qual a que paira, ao pôr-do-sol, em ruinarlas.

.....

Minha alma é hoje um vasto ándurrial miserando,  
que vê, mirrado e triste, ao longe, no horisonte,  
folhudos palmeiraes, e azas revoando.

Teu santo e puro amor venha aclarar minha alma  
—como nm calmo luar, que radioso desponte  
sobre immensa campina immensamente calma...

## IX

Eu ja fui cavalleiro, e na guerra, que assolla,  
toúo o corpo chaguei, vi que tudo é maldade.  
Nem me resta esse amor, para o qual se me evola  
do peito, como incenso, uma louca saudade !

Dentro da minha dor, que da Vida me isola,  
recolhi-me, o hoje arrasto a cogula dum frade,  
como um frade iufeliz, cuja existeucia rola  
entre a vida infeliz duma comunidade.

Quero que o Mndo estruja em torvellim sangrento,  
ou que tenha repouso, apodrecendo embora,  
— longe da triste paz deste recolhimento;

que a vida me deslize, aqui, como a fumaça,  
que se eleva em bulções pelo ar sereno afora,  
e mansamente, e pouco a pouco se adelgaça...

## X

Eil-a que passa, magestosa... Faço  
de meus desejos cobiçosos uma  
serpe, que a bocca lhe remorde, o braço,  
o rosto, o seio, todo o corpo em summa.

Guarda no grande olhar, em cada traço,  
no douaire gentil, com que se apruma,  
a graça austera, com que um anjo o espaço  
fende e illumina, por moutões de bruma.

Em vão nella se enrola meu desejo;  
nem a bocca lhe treme, nem murmura,  
nem nos olhos um fremito lhe vejo.

Parece estatua prodigiosa, e dura,  
que nem sente o asqueroso animalejo  
a enrolar-se-lhe, ao sol, pela cintura.

## XI

Vives em tua castidade ao geito  
duma reclusa pallida, que arrasta  
pela penumbra dum recolhimento estreito  
a profunda amargura de ser casta.

Ultima luz duma ventura gasta  
mal se te vê no macerado aspeito,  
como uma aza longinqua, que se affasta,  
ao rubor dum crepusculo desfeito.

.....

E enquanto nasce meu amor, maguado  
como pelos remorsos dum peccado,  
nos abrolhos ferinos da amargura,

teu triste olhar de alampada mortiça  
volves a mim, como lirial noviça  
beijando o amante ás grades da clausura.

## XII

Não havendo esperança, que me emballe,  
de que aqui se me ahrande a desventura,  
quero fugir deste medonho valle,  
desta batalha, desta liça impura.

Porque, porém, me dispa da armadura,  
não é rasão que meus intentos calle;  
que não saio buscando uma clausura,  
onde o suspiro derradeiro exhale...

Vamos, querida, erguer nossa morada  
sobre aquella collina florescente,  
pelos ventos altivolos beijada!

Vê-lhe - belleza triumphal do todo!  
Vê como é linda! como é diferente  
deste valle de lagrimas e lodo!

### XIII

Qual uma estrella, que no azul fenece,  
ao vir chegando lentamente a aurora,  
já teu vulto de novo me apparece,  
o amor antigo revivendo agora.

Esta sombra maguada se parece  
contigo, como se tu mesma fôra.  
Ao vel-a, balbuçlo a mesma prece,  
que balbuçava, em te enxergando, outr'ora

Minha pobre alma peccadora, errando  
em meio aos torvos lodações da vida,  
vae teu vulto suavissimo espelhando,

como a agua impura de um paul espelha  
branca lua purissima, perdida  
na tristeza do ceu, por noite velha.

## XIV

O castello de sonho, onde eu vivia,  
e que erguera com tanto eulevamento,  
veiu a rolar por terra, enfim, um dia,  
num doloroso desmoronamento.

Culpa foi minha ! Como poderia  
resistir o castello, um só momento,  
se era tao falsa a areia, em que se erguia,  
e se era assim tão poderoso o vento ?

.....

Hoje vivo em humillimo casebre.  
revendo o meu passado, que tão bello  
me apparece ao olhar acceso em febre.

Casebre sim, mas floreo e socegado;  
e se um dia cair, como o castello,  
perderei pouco... seja Deus louvado !

## XV

Minha alma é uma casa abandonada,  
por cujos tenebrosos corredores  
volteia a ronda volatilizada  
dos espectros de mortos moradores.

Um dia esta mansão mal-assombrada,  
afugentando a treva e seus horrores,  
entraste. — alegre aparição alada, —  
num explodir de claridade e olores;

mas de prompto fugiste, e hoje, silente,  
esconde a velha casa à luz do dia  
as mesmas sombras, que volteiam juntas..

Ah! terei de guardar eternamente  
na solidão desta alma escura e fria  
estas saudades de illusões defuuctas !

## XVI

Ja sei que te cae na alma o esquecimento,  
o crepusculo triste dos amores...  
Vae-se meu sonho de ridentes cores,  
como um castello em desmoronamento.

Amor em peito de donzella é vento  
a perpassar num laranjal com flores:  
arranca-lhe gratissimos olores,  
mas esvae-se com elles num momento.

Louco que fui ! pois dei-te minha vida,  
dei-te minha alma inteira, e de tal jeito,  
que as não podia nunca mais livrar;

e sonhava-te alheia e dolorida,  
como a noiva, que espera o seu eleito  
na praia, olhando o tempestuoso mar...

## XVII

Qual uma noiva, a retratar no pecto  
o convulsivo marulhar da vaga,  
espera numa prala o seu eleito,  
pedindo ao ceu que um vento manso o traga,

— assim eu te sonhava, e satisfeito  
lutava contra a ventania asiaga;  
e nunca, em meio ao temporal desfeito,  
rompeu de minha bocca uma só praga.

Mas, quando, em busca do final conforto,  
rompendo a vaga irada e a ventania,  
chegue ao remoto e desejado porto,

já talvez nem te lembres mais do dia,  
em que, num dolorido desconforto,  
contemplavas a nave, que partia...

## XVIII

Quando, ao morrer o sol, isolada te achares  
num agreste recanto, em sereno repouso,  
perdido o meigo olhar no pôr-de-sol saudoso,  
e a mente embebida em languidos scismares,

pensa um instante em mim (se de mim te lembrares),  
neste amor, que te voto, immenso e doloroso  
amor, que apenas frue uma sombra de gozo  
na saudade sem fim dos teus doces olhares.

Pensa um instante em mim. Também, ao ir-se o dia,  
penso em ti, vagar, maguado e só, por onde  
tantas vezes andei contigo alegremente.

Pensa em mim, olha o céu, olha a triste agonia  
da luz,—e ouvirás, talvez, de fronde em fronde,  
a gemer com a brisa, minha alma dolente...

## XIX

### RUMO DO ORIENTE

Rasgaudo a vaga, erguendo « ré, bojando as velas  
— velas côr de luar com uma cruz côr de sangue —  
la vão, no mar immenso, as leves caravelas,  
como num lago azul o cysne esvelto e langue.

Embora ruja a vaga, embora contra ellas  
estale o ralo, estronde o vento, o ceu se zangue,  
la vão, mares em fóra, orgulhosas e bellas,  
sob a cruz oud Christo esplandeceu exangue.

Baloçando na onda, ao capricho da sorte,  
la vão, rumo do Oriente, em busca dum arcano,  
que talvez seja a Gloria, e talvez seja a Morte.

E enquanto mais e mais a grandeza do Oceano  
e a grandeza do Ceu lhes amiudam o porte,  
mais crescem essas naus do Gama sobrehumano.



POESIAS DIVERSAS



# I

## JOÃO BAPTISTA

O santo Precursor aute a plebe apparece,  
nas margens do Jordão. E a plebe, agglomerada  
em torno do Propheta, a escutal-o, estremece,  
como um fraco juucal exposto á saraiuada.

Sua rispida voz, que paralyza e gela,  
é como a tempestade,  
contra a qual uada pôde e ninguem se rebella,  
— quando rugo, e castiga o Crime e a Iniquidade.

O auditorio estremece. E estremece, nos gosos da vida, no fulgor do mundanario orgulho, perfidos phariseus, principes orgulhosos... Porque a voz de João, como o grosso marulho

do vento a perpassar numa floresta horrivel, derramando no ar pavores e mysterios, — percorre, como o vento erradia e intangivel, todo o povo, de bocca em bocca. Entre psalterios

maviosissimos, entre olorosas caçoulas, toda em scintillações de onro e de pedrarias, sob nvens de aroma e revoadas de rôlas, arrasta-se tremente a vaidosa Herodias.

Em meio do explendor da força e da opulencia, vencida, e sem saber de que modo resista, dobra-se a uma voz longinqua e rude... Vence-a a voz de João Baptista.

Mas um dia o Pastor, pela maldade estulta,  
clausurado se vê uuma masmorra infecta.  
E a santa voz sepulta  
fica no bravo pelto ancioso do Propheta.

Elle, cujo vozear, qual trovão, que retumba,  
retumbou tanta vez á plena luz, eleva  
sua alma agora a Deus dentro da catacumba,  
cercado de silencio e cercado de treva.

E na treva, que são seus unicos antolhos,  
e no silencio atroz, para que a dor o mate,  
só existe uma luz : é a luz de seus olhos ;  
e um rumor : é o rumor do coração, que bate.

Pobre leão enjaulado !  
mesquinho, e palpitar na tumba, que o encerra,  
é como um verme vil, que trahalha ignorado  
nas entranhas da terra.

E sobre elle se eleva á luz do sol, na agulha  
do monte em que elle jaz, e a grimpa inteira abarc  
e na livre amplidão as torrellas mergulha  
o castello brutal de Antipas, o Tetrarcha.

Ao crepusculo. Immersa na delicia  
do dia esmorecente, — contemplando,  
do alto terraço, a vesperal paysagem,  
sentindo dos favonios a oaricia  
maviosa e cheia de um perfume brando  
de virde foibagem,—

a soberana, como a natureza,  
repousa, entre oustosas almofadas  
e entre maravilhosos ouropéis.  
Sob a cabeça, em languida molieza,  
tem as mãos preguiçosas encruzadas,  
rutliantes de aneis.

Ergue-se o fumo das caçonlas, cheio  
de voltas mansas, tremulo, no espaço,  
e vagueia sem rumo ;  
e ella segue com os olhos o colleio,  
o emmaranhado movimento lasso  
das erradias ondulas de fumo.

No sereno ondular de um sonho quente  
voga-lbe a pbantasia, como voga,  
ao longe, além, no mar,  
serenamente, cadenciadamente,  
emquanto no horisonte o sol se afoga,  
uma barca de pesca a velejar.

A quando em quando a assalta, num assalto  
de sombra passagelra, vago e mudo,  
a lembrança de João ; e a pena a invade.  
Elle padece tanto, elle tão falta  
se ha de sentir de luz, de pão, de tudo,  
que ella, que o odiava, ja lbe tem piedade...

Mas estas sombras importunas passam...  
Tudo é paz em redor. No ar tranquillo  
sobem do fumo as alvas espiraes.  
Pombas nos frisos da parede asvoaçam.  
Doce, nma escrava reproduz no trillã  
da voz um canto das regiões nataes...

De repente, porém, num pailor instantaneo,  
a rainha estremece em tremores de morte.  
E' a voz do Propheta, a rnda voz de João,  
que, rompendo a quietez do fnndo subterraneo,  
rola no ar, em maldições, tremenda e forte,  
e livre como a voz soberba do trovão!



## II

### SIMILE

O amor entrou-me dentro da alma, como  
sol em velha e pavorosa matta...  
Num victorioso assomo,  
que o veu de treva ás arvores desata,

penetra muita vez a luz do dia  
numa densa floresta,  
pondo na lacrimosa ramaria  
um largo augeio triumphal de festa.

As velhas arvores tristonhas,  
como um bando infeliz de almas penadas,  
a balançar em convulsões medonhas,  
ora á brisa, ora ao vento, as ramalhadas,

cantam, num côro de milhentas boccas,  
na treva, longas mnsicas chorosas,  
— ora descabelladas, como loucas;  
ora abatidas, como religiosas...

Da floresta nos intimos recessos  
ha mysterios horriueis :  
gargalhadas e berros de possessos,  
pranto de soffredores invisiveis,

assustado agitar de azas velozes,  
vultos brutaes rolando nas alfombras,  
extranhas vozes,  
extranhas sombras...

Mas eis que chega a luz do sol bemdicta !  
Vara a trama das copas e palmares,  
e nas furnas ramosas precipita  
iriadas cambiantes estellares.

Lança fulgurações pela clareira,  
diamantinas camanduias no orvalho,  
e clarões furta-cores de poncheira  
pelos verdes ramaes, de galho em galho.

Aqui, rebenta em catadupas de ouro,  
estende além scintillações de prata...  
Um arco-iris esplendido, um thesouro,  
se dissolve e derrama pela matta.

Na volupia da luz alegre e boa,  
sonorisando os echos somnoientos,  
a corêa dos passaros resoa  
entro os ramos attentos.

E a quando em quando esta sonoridade  
soluça, em tons macios de velludo,  
parecendo fluir da claridade  
adormecida num desvão folhudo...

E a velha matta lamentosa, oihae-a!  
rumoreja e respiende: um arrebol  
de mocidade dentro della rala...  
A magia do sol!



### III

Inda me chora na alma, e inda a illumina  
como uma restea branca de luar,  
a luz pallida e fina  
do teu ultimo olhar.

As palavras de amor, que me disseste  
tanta vez, tanta vez, doce e tristonha,  
— cheio o rosto celeste  
dessa vaga tristeza de quem sonha ;

os sorrisos, ironicos ás vezes,  
ás vezes cheios de ternura mansa,  
que ora me vinham maus como revêzes,  
ora bons como affagos de creança,

tudo passou por mim como revoadas  
de fngitivas aves erradias ;  
tudo passou depressa, em desfilada,  
com as noites e os dias.

Mas esse ultimo olhar, — ave que espalma  
as alvas azas, tremula, doente, —  
esse ficou-me esvoaçando na alma ;  
vejo-o constantemente.

## IV

### SANTO GRAAL

Contam legendas da odado-media  
proesas de uma cavallaria,  
que, de olhos fitos e solta a redea,  
buscando extranho vaso vivia.

Continha o vaso sangue de Christo,  
e dos viajantes era o ideal;  
mas por bem poucos pôde ser visto.  
Davau-lhe o nome de Santo Graal.

Poucos, bem poucos lograram vel-o;  
e o que vel-o tinha logrado,  
é que fizera do maior zelo  
proficuas armas contra o Peccado.

Vós, que nos males viveis perdidos,  
tendo a ventura por ideal,  
sabei que em tudo sois parecidos  
com os cavalleiros de Santo Graal!

V

XACARA

Vivi outrora numa terra,  
longo destas gandaras más,  
sonhando alegre com a guerra  
no seio doce e bom da paz...

Era mui pobre a minha tenda,  
mas tão risonha, tão feliz,  
que a passarada fez vivenda  
no mesmo ponto, em que eu a fiz.

.....

Mas eis que um dia me appareces,  
no donaire do corpo em flor,  
qual uma santa, que pede preces :  
dei-te orações cheias de amor.

Segui-te. Errei por longes terras,  
fui o teu pøgem mais fiel,  
por ti lidei cruentas guerras,  
por ti me fiz de menestrel.

De rubras chagas sanguinosas,  
sorrindo, todo me cobri,  
como heroe coberto de rosas,  
que glorioso e forte sorri.

Até que, um dia, me fugiste,  
Bençam do Cen, divino Dom !  
Fiquei qual quem, absorto e triste,  
acorda em meio a um sonho bom...

E hoje, vagando sem vivenda,  
sou como um pobre rel exul ;  
procuro embalde a minha tenda,  
a minha florea tenda azul...

## VI

Revejo muita vez aquellas flores,  
quo um dia tu me deste: o olhar, maguado,  
prendo nas suas dosmaladas cores.  
Vem me á lembrança, então, todo o passado.

Assim, aquelle, que uma concha escuta,  
imagina escutar  
a ventania, os vagalhões em lucta  
sobre um remoto e procelloso mar.



## VII

### DEANTE DE UMA ARVORE

Quando te vejo, amiga, balançando  
no ar impuro e bulhento da cidade  
a velha fronde empocirada ; quando  
te considero o triste aspecto, invade

toda minha alma, repentinamente,  
um scismar melancolico profundo.  
E' que eu sou, como tu, triste e doente,  
e abandonado, como tu, no mundo.

.....

Tu nasceste de certo no amplo seio  
da natureza, a grande mãe extrenua,  
eu meio de outras arvores, em meio  
de arroios mansos e de gente ingenua ;

e hoje, abrindo essas ramas, com desgosto,  
neste ar carregado de impurezas,  
tens o aspecto doentio e descomposto  
de aves selvagens, que definham pressas.

Eu, que tambem nasci, como nasceste,  
na doce paz bucolica da aldeia,  
tambem padeco nesta vida, neste  
ambiente cruel, que nos rodeia.

Quando moves o vulto escuro e lento,  
com um soluço maguado em cada galho,  
queixas pareces derramar ao vento,  
como eu aos ventos minha dor espalho.

Ninguem percebe, entanto, nossas dores :  
nem vê que ja perdemos a magia,  
que em tua copa rebentava em flores,  
e que minha alma de illusões floria.

## VIII

Alma doente de tédio,  
carregado de nevrose,  
embalde busco um remédio,  
ou lugar onde repouse.

Só em certa piedosa dama  
tenho um praser, neste mundo :  
balsamo, que se derrama  
pelo corpo moribundo.

Mas, nessa ventura mesma  
se aninha uma dor teimosa,  
como se aninha uma lesma  
no calice de uma rosa.

É uma dor, por cujo termo  
anceio em louca maneira :  
o medo de que do enfermo  
receba o mal a enfermeira.

## IX

### A UM VELHO

Por muito tempo viveu tua alma  
na velha crença de nossos paes,  
como a colomba que vive calma  
na paz austera das cathedraes.

Certo, correu-te então a existencia  
como um arroio de mansas aguas,  
cheia de sonhos e de innocencia,  
livre de mancha, livre de maguas.

Mas, eis que um dia — dia nefando —  
o que foi pomba se muda em corvo :  
parte voando, parte voando  
num largo vôo pesado e torvo ;

percorre os ares, percorre terras,  
libra-se ao alto, na luz se afunda,  
e trava luctas, e accende guerras  
por vis pedaços de carne immunda.

Depois, mais tarde, cansado e feio,  
quando a velbice covarde tomba,  
o corvo sente saudoso enleio,  
pensa nos tempos em que foi pomba...

E a ponco e ponco, radiosa e calma,  
— aurora santa, clarões ideaes —  
sente de novo raiar-lhe na alma  
a alma da pomba das cathedraes.

Qual certos deuses, velbo ! creança !  
és bnfo e bello, sagrado e torvo :  
tens qualquer consa de pomba mansa  
e alguma cousa de feio corvo.

## X

Como quem, vindo da materna aldeia,  
estaca numa volta de camiinho,  
para esguardar mais uma vez o ninho,  
onde nasceu, e laorimoso aneia;

para ás vezes na via dolorosa  
da vida, e lanço atraz a vista anciosa:

além, além, aiveja, alegre e mansa,  
a aldolola nativa da Esperança...



## XI

### A UM POETA

Tu és como um triste avaro,  
que, trazendo vestes rotas,  
guarda um thesouro fulgido e raro,  
preciosidades ignotas.

Vestido em crenças esfarrapadas  
e illusões gastas e frias,  
tens no peito aferrolhadas  
preciosas pedrarias.

E ficas-te, embebecido,  
muita vez, a contemplal-as.  
Podem rir-te do vestido!  
Ostentem suas brilhantes galas!

Tu tens riquezas maiores,  
maiores preciosidades :  
são amethystas as tuas dores,  
são opalas as saudades ;

os teus sonhos, esses luzem  
de um vario brilho de pedrarias,  
onde accaso se recrnzem  
irisações fugidias...

## XII

(De Stecchetti)

Quando, das folhas ao cair, tu fores  
visitar minha cruz no Campo Santo,  
has de ir encontrá-la num recanto,  
e em derredor terão nascido flores:

Colhe para o cabelo de ouro feito  
essas flores nascidas do meu peito:

são os cantos, que apenas lidei ;  
as palavras de amor, que te não dei.



## XIII

### CANÇÃO

Minha alma é como essas mattas  
profundas e mysteriosas...  
Ouve-me, ó tu, que me matas,  
ó formosa das formosas !

É como essas\_mattas, onde  
poucos podem penetrar,  
onde, de fronde em fronde,  
erram mysterios no ar.

Tem no seu seio jaguares  
e borboletas iriadas ;  
floriuhas e altos palmares,  
e musgo e galharadas.

Na soledade bravia  
vaga sempre, sem cessar,  
a muda melancholia  
da floresta secular.

Minha alma é como essas mattas  
profundas e mysteriosas...  
Ouve-me, ó tu, que me matas,  
o formosa das formosas!

E quando, deante della  
passas, ao ver-te passar,  
o arvoredó curva a umbella,  
para te ver e abrigar.

Entra, entra, sem roceio

Vem fazer, ó minha amada,  
que esta matta singular  
seja a vivenda encantada  
de linda bruxa sem par...

Minha alma é como essas mattas  
profundas e mysteriosas...  
Ouve-me, ó tu, que me matas,  
ó formosa das formosas.



## XIV

A dura sorte levou-te.  
Sem a luz do teu olhar,  
minha tristeza é uma noite.  
Mas a saudade é um luar...

A noite é brumosa e feia.  
(Noite de inverno não fosse!)  
Mas no ceu a lua cheia  
é tão radiosa e tão doce!

Scismando á lua, que passa,  
minha alma póde exclamar :  
A noute desta desgraça  
é noute, mas de luar...

## XV

Um dia — a sorte o quiz — nos encontramos  
na via dolorosa desta vida :  
desde então junctamente caminhámos.  
Audaz alegre eu te dissera : « vamos ! » :  
tu mo ouviras alegre e commovida.

Mas o tempo de prospera ventura  
velu a findar com rapida presteza.  
É que a alegria é bem que pouco dura :  
cada sorriso de alegria pura  
promette mil soluços de tristeza.

O derradeiro adeus tu me atiraste,  
a alacridade me levaste, um dia;  
e de ti simplesmente me deixaste  
algumas pobres petalas sem haste,  
e a saudade cruel, que me agonia...

Desde então, desde então, abandonado,  
por esta senda solitario sigo,  
em meio deste imenso descaupado,  
— triste como um guerreiro alanceado,  
ou peregrino, que não acha abrigo.

Num inferno malefico me agito,  
e sempre hei de agitar-me neste inferno:  
estava, assim o creio, estava escripto  
que este maguado amor, que era infinito,  
tambem se havia de tornar eterno...

## XVI

### VILLANCETE

Des' que estaes de mim ausente,  
corro ue mini mesmo empós,  
e encontro-me juncto a vós.

E, pois, senhora, não posso  
mandar-vos novas de mim:  
como saber do que é vosso,  
se me estaes tão longe assim?  
Para que esta cuyta augmente,  
se pouco sei de ambos nós,  
sabeis apenas de vós!

Des' que vos vi, só vos vejo,  
embora ausente sejaes ;  
porque eu, com o meu desejo,  
não vos leixarei jamais.  
Quantas vezes, de repente,  
corro de mim mesmo empós,  
e encontro-me juncto a vós !

ACABOU DE IMPRIMIR-SE  
ESTE LIVRO EM 22 DE JUNHO  
DE 1899.

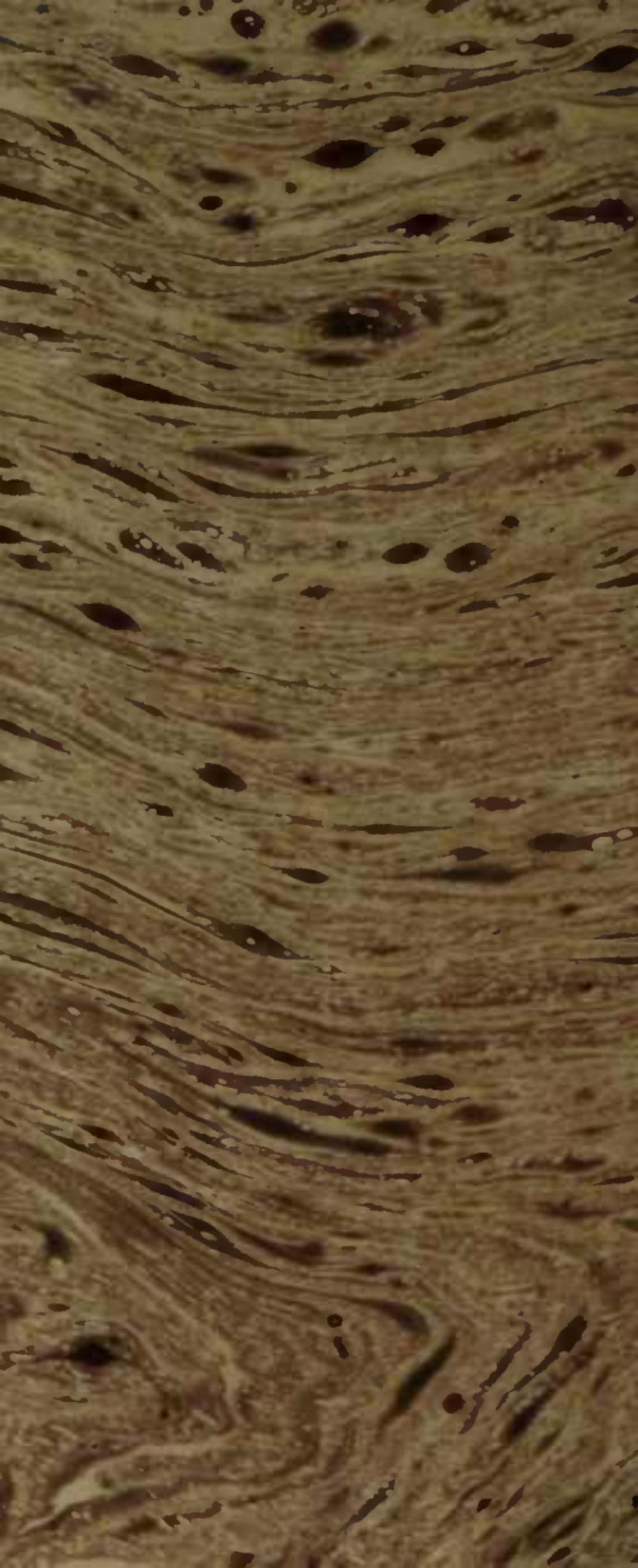


*A Candido de Carvalho*













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).